

**Lucien André Regnault Marques**

Graduando em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. E-mail: lucienrmarques@gmail.com

A reformulação da crítica da economia política tornou-se um imperativo necessário frente às transformações sociais que ocorreram nos últimos 40 anos. A reorganização do sistema capitalista e a complexificação dos mecanismos de inteligibilidade e das tecnologias de poder colocaram em cheque o antigo ferramental crítico do marxismo frente à nova estrutura social. Por isso a necessidade de autocrítica e revisão da teoria marxista é um desafio indispensável por parte dos militantes e intelectuais que não se cansam de criticar e lutar contra a barbárie da sociedade contemporânea. Dentro desse panorama, a obra do militante e filósofo italiano Antonio Negri ganha grande destaque, já que a sua atuação política e intelectual, pautada em uma leitura crítica e heterodoxa dos Grundrisse, o permitiram produzir um riquíssimo arcabouço teórico marxista para análise do capitalismo pós-moderno.

Dentro desse momento de revisão e autocrítica, o presente trabalho dedica-se à análise do texto "Biocapitalismo e constituição política do presente", que apresenta de maneira sintética o fruto do extenso trabalho de Negri sobre o capitalismo contemporâneo. O texto é constituído em duas partes: um primeiro momento onde autor concentra-se na análise do novo panorama social contemporâneo do sistema capitalista, e um segundo momento onde o autor promove um exercício extremamente importante e inovador para a teoria marxista, ao propor a ideia de uma sociedade sem classes pautada em uma organização política do comum.

A transição do capitalismo tipicamente fordista para o pós-industrial nos anos 70 e 80, em suma, foi resultado da crise econômi-

ca e do esgotamento do sistema tradicional de regulação keynesiano imperialista, frente as organizações trabalhistas extremamente fortes e articuladas, conjuntamente com o crescimento da luta anticolonial. Tal situação demandava uma mudança que articulasse uma saída que fosse tanto econômico quanto política para controlar a situação de extrema instabilidade, materializada em um novo modo político de acumulação capitalista. A reorganização social resultou em uma nova fase, denominada por Negri, de biocapitalista, a partir de uma transformação nas formas de dominação, controle e acumulação capitalista, cujo sistema financeiro ganha papel primordial.

Dentro deste contexto, o conceito de biocapitalismo ganha ponto central na obra de Negri, pois apresenta os elementos que constituem os fundamentos de sua crítica iminente do presente. Por biocapitalismo compreendem-se dois significados: primeiramente a indústria que se especializa no desenvolvimento da ciência biológica para transformá-la em mercadoria. Em segundo lugar, ao qual o autor concentra-se, nomeia a fase do capitalismo que já investiu na totalidade da sociedade, é o momento que marca um processo social onde "o conjunto da vida humana individual e social que é posta, enquanto tal, a trabalhar" (NEGRI, 2015, p. 58). Outra característica marcante dessa fase é a ampliação dos processos de valorização para além dos muros da fábrica, caracterizada por uma apropriação de valor que não se limita simplesmente à produção, onde a circulação torna-se ponto constitutivo para valorização. Tal transformação demanda cada vez mais uma metamorfose nas relações tra-

balhistas, produzindo o que poderia ser chamado de um operariado social, ou seja, a relação de trabalho e valorização no terreno coletivo.

De acordo com Negri, o biocapitalismo começa a tomar forma nos anos 70 com a capitalização dos fundos de pensão e seguros sociais para cobrir as contas de acumulação, como forma de saída da crise. O que diferencia essa maneira de valorização biocapitalista das outras fases do capitalismo é o processo de capitalização da reprodução da vida humana, na medida em que a subjetividade e os corpos humanos se tornam objetos de lucro. Tal momento caracteriza um sistema capitalista que alcança o seu caráter biopolítico, pois a relação da vida torna-se uma relação de exploração e dominação direta, definida por uma subsumção da sociedade por inteiro ao capital. A transformação ocorre paralelamente ao processo de globalização dos mercados, mas o mais notável desse processo, segundo Negri, é a transformação do homem para além da fábrica, já que a valorização tende a não residir mais simplesmente na produção. Como o momento da produção é absorvido pela circulação, fica cada vez mais difícil determinar onde a produção termina e começa, pois, toda a produção desejante da sociedade é condicionada pela criação de lucro. Outro ponto importante é o aparecimento de novas formas de produção industrial, caracterizadas pela passagem do trabalho material para o trabalho imaterial, ou seja, a emergência de processos de valorização cooperativos de exploração cognitiva. Isso não quer dizer que o trabalho material tenha desaparecido, pelo contrário, ele continua incrivelmente presente e foi intensificado em muitos lugares, porém, ele é cada vez mais modelado por inovações técnicas e científicas, que o transformam progressivamente em uma força intelectual, enquanto a informatização recolhe mais-valia social de uma sociedade gradativamente subsumida à produção.

Tal mudança nas relações de produção remodela toda a estrutura social, as relações de poder e, consecutivamente, a luta política. Afinal, o capitalismo torna-se global, desarticula o proletariado nacional e aliena todos os campos e esferas sociais, desmontando a velha tática de luta sindical e massificada. Porém, o fato de o capitalismo ser uma relação social que continua dependendo da dominação e da exploração do trabalho não limita a capacidade do proletariado de se reorganizar e reinventar. Segundo Negri, a imagem negativa proposta pela escola de Frankfurt não pode ser a perspectiva a ser adotada pela luta política, pois onde existe reificação, onde há exploração, existe resistência. Um dos principais sinais da possibilidade de transformação social é que, com a financeirização, a globalização e, sobretudo, a passagem do trabalho material para o trabalho imaterial, isto é cognitivo, cooperativo e social, ocorre uma diminuição da capacidade histórica do capital de organizar o trabalho, pois cada vez mais os trabalhadores organizam-se de maneira informatizada e cooperada, dotando-se de instrumentos próprios de colaboração, permitindo a organização e formação de estratégias pautadas na autonomia e na capacidade cooperativa dos agentes envolvidos.

Para poder lidar com o cenário de flexibilização temporal e espacial da organização do trabalho e impedir o surgimento de qualquer tipo de movimento de autonomia, o capital desenvolve uma nova forma de governança. A reestruturação das formas de dominação e controle é pautada por movimentos complexos de bloqueio das novas forças sociais, instaurando um poder que atua de forma contínua, condicionante e modeladora sobre os indivíduos, através de diferentes tecnologias de poder. Uma das principais influências de Negri, o filósofo Michel Foucault, buscou mostrar a reestruturação política da sociedade neoliberal nos seus cursos no Collège de France. Para esse pensador, uma

das principais características do novo sistema político é seu caráter ultra intervencionista sobre a vida das pessoas. Foucault critica firmemente o argumento neoliberal de Estado mínimo, demonstrando que, na prática, ele apresenta um caráter de atuação constante sobre a sociedade de diferentes maneiras, que não se reduz à regulação econômica, ou seja, o resultado é o inverso do pretendido pelo discurso.

Dado esse novo panorama, a constituição da sociedade de controle biocapitalista gera três paradoxos para o capital. Primeiramente com a passagem do capital material para o imaterial, o capital financeiro toma função de articulador da produção, através de um controle no nível máximo de abstração. O capital atua cada vez mais de maneira mais móvel e fluida, mas que, por outro lado, deve entrar nas nossas vidas de maneira progressivamente concreta. O segundo paradoxo é o da propriedade privada, pois ela tende a sujeitar diferentes formas de comando. Tal fato é caracterizado pelo movimento de passagem do lucro industrial para o capital rentista, que se torna fundamental para nosso problema, pois a propriedade privada torna-se gradativamente mais virtual. O terceiro e último paradoxo é a ideia de biocapital, que caracteriza o momento em que os corpos e a subjetividade humana são gradualmente demandados e explorados pelo capitalismo, virando peça fundamental da estrutura de poder, aumentando cada vez mais a necessidade do condicionamento da vida humana ao capital. Tais paradoxos são insolúveis para o capitalismo, por isso ele demanda a construção de tecnologias de poder muitas vezes transvestidas em um aspecto de neutralidade e tecnocracia, com um caráter extremamente bárbaro e hostil. Decorrente desse caráter extremamente abstrato, violento e invasivo do capital contemporâneo, é necessária a construção de novas ferramentas políticas e formas de luta.

A partir da nova realidade social, Ne-

gri propõe novas táticas de luta e resistência pautadas nas contradições do capitalismo contemporâneo e na constituição do espaço social, já que as velhas táticas de luta do proletariado massificado não são mais possíveis, em decorrência do aumento cada vez maior da singularização do trabalho e das novas demandas sociais materializadas em novas subjetividades. Por isso o autor introduz o conceito de "comum", tática de luta comunista que se diferencia da proposta tradicional do comunismo. Primeiramente ela não parte da perspectiva de tomada do poder e a instauração da ditadura do proletariado. Tal diferença é ontológica, pois, na medida em que a vanguarda comunista parte da ideia de que a massa deve ser conduzida, o conceito de "comum" acredita na ideia de uma multidão, formada por singularidades potentes que não necessita de um príncipe para sua organização, pois a política é imanente e imediata.

A proposta comunista do "comum" deve ser desenvolvida nos termos de uma nova constituição política. Afinal, existe a necessidade de se afastar o projeto de poder de uma matriz autoritária, que oferece do alto e organiza de maneira piramidal a sociedade, como nos casos chinês e soviético, que não podem ser o projeto de um movimento centrado na emancipação humana. Por isso, Negri propõe a construção política de uma democracia de multidões, uma democracia de massas. Outro ponto importante é o afastamento do projeto do "comum" de qualquer forma de instituição de propriedade, ou seja, de uma estrutura de dominação e poder. Para Negri, o novo projeto comunista deveria ter como seu princípio político e cultural a admiração de coisas comuns, a coordenação e administração do viver juntos, ultrapassando o público e o privado, estruturando formas de vida social de maneira coletiva e de atuação de caráter político imediato.

Por fim, dentro desse projeto, devem-se conjuntamente mudar as táticas de enfrentam-

ento, introduzindo o conceito de “luta de classes biopolítica”. Tal forma de luta amplia o conceito tradicional de luta de classes, a partir de uma relação entre comunismo e anarquismo, pautando a luta sobre sentimento de coletividade visando a experiência direta da singularidade, segundo Negri, uma luta que tem como pauta “modelar o desejo da singularidade para construí-lo como elemento coletivo ao interior de experiências que permanecem irreduzivelmente libertárias” (NEGRI, 2015, p. 83). A nova experiência de poder não pode ser simplesmente reduzida a um problema de consciência política, já que é preciso pensar a singularidades dentro desse processo de luta, transformando o problema em uma questão ético-político de como moldar o desejo. Por isso os dilemas políticos do comunismo contemporâneos são pensados por Negri a partir de Spinoza, que teria passado grande parte de sua vida elaborando uma ética centrada na democracia radical, respeito, amor e libertação da subjetividade.

A necessidade de pensar o presente e elaborar novas estratégias políticas nunca foi tão essencial para a esquerda, sobretudo para o movimento comunista, diante do enfraquecimento do movimento revolucionário e da expansão do capitalismo, virtualmente, em todas as esferas da vida social. Por isso, a obra de Antonio Negri é uma contribuição para a reflexão e a luta no presente, dentro do movimento de esquerda. Ao discutir a libertação da singularidade na coletividade, através de Marx, Foucault e Spinoza, sua obra permite pensar a reorganização do movimento comunista contemporâneo, introduzindo as novas demandas subjetivas e identificando as novas maneiras de organização em prol da emancipação humana.

### Referências

- MARX, K. **Grundrisse**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.
- NEGRI, A. Biocapitalismo e constituição política do presente. In: \_\_\_\_\_. **Biocapitalismo**. 1.ed. São Paulo: Iluminuras, p. 57-83, 2015.
- FOUCAULT, M. **Naissance de la biopolitique**. Cours au Collège de France, 1978-1979. 1.ed. França: Seuil, 2004.

BIOCAPITALISMO...

MULTIFACE

**Documento enviado em maio de 2018  
e aprovado em junho de 2018.**